

# **A Sociedade do Espetáculo sob a ótica da Psicanálise: Uma leitura crítica do sujeito contemporâneo**

## **RESUMO**

O conceito de “espetáculo” é entendido como um regime social e econômico em que a aparência suplanta a experiência autêntica, convertendo a vida em representação contínua. Debord, na obra *A sociedade do espetáculo*, denunciou a substituição da experiência direta por representações, tornando os indivíduos espectadores passivos em uma sociedade moldada por imagens, mercadorias geradas pelo surgimento do capitalismo. Ao relacionar essa visão com a psicanálise, observa-se que o espetáculo pode intensificar a alienação subjetiva. Isso ocorre porque o sujeito tende a se identificar com imagens idealizadas, o que pode gerar frustrações, conflitos internos e até mesmo adoecimento mental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada através da análise da obra *A Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord a partir da ótica da psicanálise, destacando suas implicações subjetivas e culturais no sujeito contemporâneo. Utilizou-se a análise temática proposta por Minayo, que inclui: A leitura flutuante da obra, seleção e categorização do material seguida de uma análise interpretativa dos dados. A obra, nesse sentido, contribui para entender como a cultura do espetáculo influencia nos processos de subjetivação e o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Buscou-se relacionar os conceitos de Debord com os fundamentos da psicanálise freudiana, explorando as consequências sociais e psíquicas do espetáculo, ressaltando como o predomínio da imagem e da aparência impactam na saúde mental e convida a crítica das formas contemporâneas de subjetivação.

**Palavras-chave:** Aparência. Narcisismo. Psicanálise

## **INTRODUÇÃO**

Publicada originalmente no ano de 1967, o livro *A sociedade do espetáculo* (*La Société du spectacle*), tornou-se uma das obras mais importantes do filósofo francês Guy Debord, escritor, cineasta e representante do situacionismo. Dividido em 9 capítulos, o livro oferece uma crítica radical ao capitalismo e à mídia de massa refletindo sobre temáticas que ainda são extremamente atuais (Debord, 1967/1997). Já no prefácio do livro o autor refere que a obra tem como objetivo principal se contrapor ao modelo da sociedade espetacular vigente. Debord, a partir de uma releitura do marxismo, desenvolve o conceito de espetáculo, definido como a afirmação da aparência e a substituição da experiência direta por representações. No primeiro capítulo do livro o autor traz o

Analytica/São João del-Rei /v.... / n.... / mês inicial referente/mês final referente de 202...

conceito de espetáculo que é a afirmação da aparência, simplesmente em última medida viver de representações. A teoria do espetáculo se caracteriza, desta forma, como uma crítica ao modo contemporâneo de viver. Tudo o que era vivenciado diretamente tornou-se uma representação mediada pelo que Debord chama de imagens (Debord, 1967/1997).

É nesse cenário que o indivíduo é transformado em espectador passivo, alienado na lógica do espetáculo, é visto como mercadoria. Assim, cria-se uma realidade invertida, em que a aparência vale mais do que a essência. A imagem deixa de significar um reflexo da realidade e passa a ser um intermédio, transformando-se no próprio lugar do real, aquela que determina as percepções e ações. Nesse contexto, *A Sociedade do Espetáculo* descreve uma sociedade em que tudo o que era vivido diretamente foi substituído pela representação e o espetáculo diz respeito ao modelo atual de vida. O espetáculo não é apenas um acúmulo de imagens, mas antes uma relação social mediada pelas imagens (modo de existência que subjuga o cotidiano) (Debord, 1967/1997).

No mundo contemporâneo, a lógica capitalista domina e o consumo se torna elemento de satisfação pessoal. A experiência autêntica é subsumida pela lógica capitalista, reduzida à aparência organizada, enquanto o protagonismo da vivência real se dissolve em um fluxo representacional alienado (Oliveira e Machado, 2021). Assim, o espetáculo não se limita ao acúmulo de imagens, mas constitui uma relação social mediada por elas. É indispensável acrescentar sobre a ressonância profunda que a teoria do espetáculo de Guy Debord encontra nos fundamentos estruturais da psicanálise freudiana, garantindo uma compreensão enriquecedora sobre as estruturas psíquicas que moldam a sociedade contemporânea. No cerne da análise de Debord (1967/1997) sobre a temática, situa que a sociedade do espetáculo se constitui como uma “relação social entre pessoas, mediada por imagens” (p.14), em que não há mais interações autênticas, mas as relações pautadas na experiência indireta, utilizando a mediação das imagens nessa nova realidade.

As mudanças promovidas pela vivência do espetáculo na atualidade são várias, o que demonstra a relevância do estudo em questão. Alto Rendimento, hiperconectividade, avanço de novas tecnologias como a inteligência artificial, além do surgimento de novas mídias sociais implicam em relações mais superficiais, marcadas pela fluidez, novas formas de subjetivação, como também formas de tamponar o mal-estar subjetivo atual. O sujeito nesse contexto se torna consumidor e consumido por essa nova realidade, a exemplo dos famosos algoritmos que captam a preferência de consumo para oferecer ao seu consumidor produtos. A expansão das mídias digitais e a intensificação da hiperconectividade contribuíram para novas formas de subjetivação marcadas pela centralidade da imagem e pela necessidade constante de reconhecimento social. Nesse contexto, o sujeito contemporâneo passa a estabelecer relações cada vez mais mediadas pela lógica da exposição e da aparência, organizando-se em torno de ideais socialmente construídos de felicidade, produtividade e adequação. Tais exigências repercutem diretamente na experiência subjetiva, produzindo novas

formas específicas de sofrimento psíquico associadas ao sentimento contínuo de insuficiência diante de modelos idealizados amplamente difundidos pela cultura contemporânea. O espetáculo nos dias atuais pode ser lido como uma forma de alienação em que o sujeito se afasta de seus próprios desejos, substituindo-os por objetos e imagens mercantilizadas. A psicanálise oferece um olhar crítico sobre o sofrimento humano e questões sociais implicadas, por isso o paralelo fornece reflexões importantes acerca do debate desse novo sujeito marcado pelo capitalismo e exigências de alta produtividade.

O presente artigo é um convite ao leitor para refletir sobre aspectos essenciais do homem contemporâneo, visando promover um olhar crítico sobre os fenômenos apontados. Para tanto, através da leitura flutuante da obra de Debord foram extraídas cinco categorias temáticas. A primeira delas faz referência a temática central da obra da qual leva o tema do livro, o espetáculo, e como ele está conectado com a temática projeção pensando no conceito trazido por Freud. Já na segunda categoria foi traçado um comparativo entre A sociedade do espetáculo e O mal-estar da civilização. Na terceira categoria foi realizado paralelo entre a estruturação do ego prevista na sociedade do espetáculo e os conceitos de eu ideal e ideal do eu. Na quarta categoria foi analisado sobre o narcisismo para a psicanálise Freudiana. E por último, na quinta categoria, foi feita uma reflexão sobre as novas formas de subjetivação, diante do discurso consumista que mantém o mercado medicamentoso e sustenta o sujeito através do constante anestesiar-se para produzir. A análise interpretativa destas cinco categorias fundamentou a estrutura das seções seguintes, cujos títulos refletem os eixos temáticos encontrados.

## **A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: Crítica social**

Para compreender melhor o conceito da sociedade do espetáculo é preciso que se faça uma trajetória histórica para se entender como o autor chegou a tal elucidação. Com a queda de Hitler e dos ideais nazistas, o mundo vivenciou a polarização em duas superpotências: Estados Unidos e União Soviética. Nesse cenário, com a oposição do capitalismo x comunismo, o planeta vivenciou o que foi chamado de “guerra fria”. A Europa que havia sido arrasada pelas guerras adotou o modelo econômico do capitalismo abrindo espaço para a economia Americana liberal e competitiva (Afonso, 2015).

Essas inúmeras transformações foram campos férteis de movimentos culturais, com o surgimento da cultura de massa, a popularização do cinema Hollywoodiano, surgimento e propagação da mídia. Em 1952, na França começaram a acontecer várias reuniões de intelectuais da época que se intitulavam movimento internacional letrista.

No período de 1858 a 1969 os situacionistas publicaram 12 revistas (Internationale Situationniste) com temas que variavam e com o passar dos anos foram se aprofundando nas temáticas

com várias ideias revolucionárias. Dentre tais ações, panfletos e publicações realizadas estava a obra "La société du spectacle" de Guy Debord (Jacques, 2003).

Com ideias revolucionárias a respeito do contexto social e político da época, Debord ficou a frente de um grupo de intelectuais o qual recebeu o nome de situacionistas, com ideias revolucionárias, o movimento propunha uma mudança total da sociedade e foi com base nesse movimento que Debord criou a Internacional situacionista com propostas que refletiam sobre o movimento artístico, político e de urbanização (Jappe, 1999/1993).

No capítulo um da obra, de título a separação consumada se debruça sobre o conceito central de sua teoria, o espetáculo, Debord (1967/1997) na tese 1 "toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação" (p. 13).

Neste cenário do homem contemporâneo, o espetáculo constitui um referencial dominante da vida moderna, em que o sujeito prefere aparecer do que ser em essência, valorizando mais a imagem projetada e o que ela representa do que a realidade propriamente dita. Na tese 17 da obra, Debord (1967/1997) afirma:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual todo "ter" efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última (p. 18).

O conceito se fundamenta em uma época em que o capitalismo e as relações de consumo impactam o modo de se relacionar do homem, além de inaugurar novas formas de subjetivação. Nessa nova conformação social, todo o ser do sujeito caminha para o aparecer. O sujeito só existe quando mediado por imagens. A imagem como conceito central é o que predomina no sistema chamado de espetacular. Aquele que não tem redes sociais, que não aparece e conseqüentemente não performa é automaticamente excluído, não é visto como sujeito então (Santos, 2024, p.6). Nesse processo, a visibilidade passa a ocupar um lugar central nas relações sociais, de modo que o reconhecimento do sujeito se encontra cada vez mais condicionado àquilo que se torna imagem. A experiência vivida perde progressivamente seu valor em si mesma, cedendo espaço às formas de sentido, não apenas reorganiza a dinâmica social contemporânea, mas também produz modos específicos de subjetivação, nos quais a aparência assume posição privilegiada em detrimento da experiência direta.

Relativamente, ao transformar as relações sociais em imagens consumíveis, a sociedade do espetáculo desloca a experiência subjetiva para a esfera da aparência, fazendo com que o indivíduo se reconheça mais pelo que é exibido do que por aquilo que é. Nesse processo, desejos, angústias e conflitos são muitas vezes lançados em estilos de vida idealizados, que passam a carregar sentimentos

que não lhes pertencem. Logo, o espetáculo funciona como um espelho distorcido, no qual o sujeito busca se distanciar daquilo que nele é incômodo. É nesse ponto que o olhar psicanalítico se torna essencial, pois permite compreender como os mecanismos internos, mesmo recalçados ou não reconhecidos, sustentam e reforçam os laços entre o sujeito e essa realidade espetacularizada.

Em síntese, a sociedade do espetáculo evidencia uma dinâmica contínua das sociedades modernas, no qual as relações sociais são reorganizadas sob a hegemonia da imagem e da representação. Nessa lógica, a economia e a cultura se entrelaçam, fabricando cada vez mais sujeitos condicionados pela aparência e pela necessidade de visibilidade. A realidade imposta pelas novas formas de se relacionar, como as redes sociais, são um exemplo claro disso promovem o exibir acima do vivenciar, mostrar para só então existir. Os momentos passam a ter valia relativa quando comparado ao “postar”. Assim, a experiência vivida cede lugar à performance espetacular, e a essência do ser é encoberta por uma experiência mediada adestrada pelas exigências do parecer. Nesse sentido, a psicanálise surge como um gancho para além dos processos culturais ou sociais, complementando com uma operação subjetiva, na qual conteúdos internos encontram nas representações espetaculares um terreno fértil para se deslocar e se perdurar.

## **A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO**

Debord (1967/1997) buscava promover uma revolução social quando conceitua a sociedade do espetáculo trazendo que o homem é parte e produto dessa alienação. Nesse mundo de imagens representadas, a lógica do mercado domina as relações sociais impactando também na cultura. É importante refletir sobre as novas formas de subjetivação, que podem ser vista na tese 37 da obra em questão:

O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois seu movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produz m (p. 28).

O indivíduo alienado pelos modos de consumo e pela sociedade dita espetacular se configura cada vez mais distante de si em essência, perdendo a noção de si, da própria existência e desejo. Esse modo se apresenta como uma subjetivação contemporânea em que o sujeito está identificado com o externo, com as mídias e o que é posto na cultura do consumo.

Neste ponto, na obra *O mal-estar das civilizações*, Freud (1930/2010) fornece ideias importantes para compreender o que contribui para o sofrimento psíquico do sujeito, analisando sob ótica sujeito-cultura, o que implica dizer que a subjetividade humana deriva do processo de aculturação e por consequência internalização ao processo de imposição de normas e regras sociais.

A sociedade funciona, desta forma, como um limitador ao princípio do prazer individual do sujeito e para Freud viver em sociedade se apresenta como a maior fonte de sofrimento (Moreira, 2005). Afirma Debord (1967/1997), no tópico 68:

Sem dúvida, a pseudonecessidade imposta pelo consumo moderno não pode ser contrastada a nenhuma necessidade ou desejo autêntico que não seja, ele mesmo, produzido pela sociedade e sua história (p. 45).

Novas culturas surgem e o mal-estar também vai mudando de figura, e dessa forma, outras formas de sofrimento psíquico surgem. À medida que as configurações culturais se transformam, o mal-estar também passa a assumir novas formas de expressão na contemporaneidade. Sob a lógica do espetáculo, o sujeito se vê constantemente confrontado com ideais de produtividade, felicidade e realização apresentados socialmente como modelos de completude e adequação. Tais requisitos intensificam sentimentos de insuficiência e inadequação, ao mesmo tempo em que dificultam a elaboração do sofrimento psíquico, frequentemente recoberto por mecanismos imediatos de satisfação e consumo. Nesse cenário, o espetáculo não só opera apenas na produção de imagens e aparências, mas também na constituição de formas de subjetivação atravessadas pela exigência contínua de adaptação aos ideais difundidos pela cultura contemporânea. O espetáculo cria assim falsos desejos como forma de sustentar a alienação do sujeito nesse processo impelindo repressões ao sujeito como forma de se adequar a vida em sociedade (Freud, 1930/2010). Os desejos individuais se tornam submissos ao que a sociedade impõe ao sujeito gerando sofrimento psíquico em decorrência dessa renúncia libidinal.

## **QUANTO A ESTRUTURA DO EGO: Ideal do eu na imagem do espetáculo**

Na perspectiva Debordiana, o espetáculo está disseminado em toda a sociedade, seja em forma de mercado, pela expansão dos meios de comunicação ou através de comportamentos que seguem um padrão de representação através da imagem que se deseja passar. A vida é transformada em show e as relações se baseiam na imagem apresentada na sociedade. A transformação da vida em espetáculo na sociedade contemporânea, não apenas intensifica a alienação do sujeito, mas também o limita à função de representação visual de si mesmo (Oliveira e Machado, 2021). Através da máxima “o que aparece é bom, o que é bom aparece” Debord (1967/1997, p. 16) faz uma análise na tese 12:

O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que por princípio ele exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência (p. 16-17).

No espetáculo não há publicização do sofrimento, ele é regido por uma positividade indiscutível, portanto, o que aparece é só de fato o que é considerado bom e o sujeito aceita de forma passiva, não questionando o mecanismo em questão.

A psicanálise oferece um olhar sobre a distinção entre o eu ideal e o ideal do eu que se articula diretamente ao desenvolvimento do narcisismo e a construção do superego. Freud (1914/1974) disserta que o Ideal de Eu emerge quando o sujeito, ao renunciar ao narcisismo infantil, internaliza figuras parentais e culturais como modelos de perfeição, criados simbolicamente para julgar o eu real. De outro modo, o Eu Ideal funciona como uma imagem onipotente projetada, idealizada e frequentemente inatingível. De acordo com Pereira e Souza (2021) no seu texto Introdução ao narcisismo, Freud (1914/2010) considera que as feridas narcísicas estão relacionadas ao desenvolvimento psicosssexual humano natural, sendo parte de um processo a que todo sujeito irá passar, necessário diferenciar, portanto, do narcisismo enquanto patologia na leitura moderna (p.8).

É importante destacar que o tempo atual é marcado pela queda dos ideais paternos e modelos que refletem a relação do capitalismo com o surgimento das mídias em que o decaimento de ideais antes simbólicos em que era regido por uma verticalidade das relações, hoje cede lugar a identificações horizontais e imaginárias, em torno de características compartilhadas, a exemplo da hiperatividade e depressão. Essas novas configurações proporcionam ideais de desempenho, alta performance, gerando novas fontes de desejo (Lewkovitch e Grimbe, 2018, p. 1190).

Esse é um dos pontos que a obra de Debord se conecta com os conceitos de narcisismo e ideal do eu da teoria Freudiana. É no texto sobre narcisismo que Freud se ocupou em verificar o porquê o investimento libidinal deve transpassar as barreiras do narcisismo e atingir objetos externos e a resposta vem da perspectiva econômica: o investimento libidinal no próprio eu se tornaria excessivo caso o fosse depositado só nesta instância, portanto seria preciso que parte da energia libidinal fosse investida também em objetos externos, resultando uma diminuição das tensões (Freud, 1914/2010).

O conceito de ideal do eu passou por várias modificações na teoria Freudiana e aparece pela primeira vez no texto sobre o narcisismo. A criança tem a si como seu próprio ideal de perfeição (eu ideal) como forma substitutiva do narcisismo infantil e quando se vê diante da repressão da cultura (representada neste ato pelo modelo parental) sente uma ferida narcísica se confrontando com o ideal do eu. O ideal do eu surge assim na internalização da cultura pelo indivíduo. É através da confrontação entre eu ideal e o ideal do eu que surge o recalque como um processo de defesa psíquica elaborado pelo sujeito (Mendes, 2023).

Na obra de Debord verifica-se em vários trechos a presença do eu ideal, principalmente no que tange aos movimentos gerados pelo modo de produção atual, influenciando o surgimento de um sujeito alienado ao sistema de consumo, vivenciando relações em que as representações valem mais do que a vivência real e demonstrando o poder que a mídia tem exercido nas formas de subjetivação

contemporâneas. O homem contemporâneo passa a desejar mais a imagem do que a realidade (ideal do eu), pautado na comparação com o outro. O ideal do eu se apresenta no desejo de ser esse outro, mas na realidade o desejo é pelo que o outro representa nas redes sociais, por exemplo. Esse ideal é inatingível tendo em vista que na sociedade espetacular o outro posta imagens de si, recortes e representações que não condizem com a realidade da existência. Conforme Debord (1967/1997), “a realidade do tempo foi substituída pela publicidade do tempo” (p. 106). Nesse contexto, a constituição subjetiva passa a se organizar de maneira cada vez mais vinculada às imagens socialmente valorizadas e aos ideais difundidos pela cultura espetacular. O reconhecimento de si torna-se progressivamente mediado pela imagem e pelo olhar social, conduzindo o sujeito a estabelecer relações narcísicas com os modelos de identificação produzidos culturalmente. A experiência subjetiva passa, assim, a ser atravessada pela busca contínua de adequação aos ideais de aparência e reconhecimento difundidos pela lógica espetacular.

A despeito disso, Debord afirma em sua tese 153 o tempo como fator consumível, em que o homem não possui o valor é consumido como mercadoria, se tornando objeto dos modos de consumo.

O tempo do consumo das imagens, meio de ligação de todas as mercadorias, é o campo inseparável em que se exercem plenamente os instrumentos do espetáculo, e o objetivo que estes apresentam globalmente, como lugar e como figura central de todos os consumos particulares (p. 105-106).

O tempo valorizado é o tempo espetacular, aqueles momentos gastos mostrando o recorte pessoal do que se deseja mostrar. Nos dias atuais esse conceito pode ser entendido com tempo gasto nas redes sociais não só postando o que o sujeito vivencia, mas também consumindo conteúdos que são gerados pelo algoritmo destinados a gerar venda. O impacto dessa realidade tem gerado diversos vícios, inclusive a compulsão por compras, vício em jogos, entre outras patologias, além da própria solidão (Hasky, 2020).

## **NARCISISMO E A RELAÇÃO DO SER COM O PARECER**

O narcisismo é considerado um dos estudos mais importantes para a psicanálise com a finalidade de compreender a psique humana. O termo provém da mitologia grega de Narciso, um jovem caçador que representa forte símbolo de vaidade e beleza que, após atrair o amor da ninfa Eco, o despreza. Assim, ele é amaldiçoado pela deusa Nêmesis e apaixonado pela sua própria imagem refletida na água de uma fonte (Ullrich e Rocha, 2019).

Em 1914 Freud formaliza a ideia do narcisismo enquanto conceito, caracterizando como sendo o investimento que a libido faz em si mesma, direcionando ao próprio Eu do indivíduo (Batista, 2013, p.6). A teorização freudiana inscreve o narcisismo como um dos três registros psíquicos

juntamente com o autoerotismo e amor objetal, além de o dividir em primário e secundário. No que tange ao narcisismo primário, ocorre quando o Eu está imerso na própria libido e vivencia a exclusivamente o “Eu ideal”. Já no narcisismo secundário, o sujeito busca reviver o lugar da infância que ocupou um dia investindo o Eu por meio da projeção do “Ideal do Eu”. O narcisismo ocupa uma transição entre o autoerotismo e o amor objetal (Mendonça e Fortes, 2025). Na sociedade contemporânea o narcisismo passa a ter prioritariamente finalidade exibicionista em que o outro precisa parecer e não de fato ser em essência, conforme ratificado pela tese 33 da obra de Debord (1967/1997):

O homem separado de seu produto produz, cada vez mais e com mais força, todos os detalhes de seu mundo. Assim, vê-se cada vez mais separado de seu mundo. Quanto mais a sua vida se torna seu produto, tanto mais ele se separa da vida (p. 25).

O sujeito antes vivenciava as experiências diretamente e agora age mediado pelas representações. O narcisismo apresenta-se nesse novo contexto social como um sintoma representando mudança de constituição psíquica. Em uma cultura orientada pela centralidade da imagem e da aparência, o sujeito passa a investir de forma narcísica na construção de si a partir de modelos idealizados socialmente. A identidade torna-se atravessada por formas de reconhecimento cada vez mais vinculadas à imagem e aos ideais difundidos pela lógica espetacular, fazendo com que o valor subjetivo seja frequentemente associados aparência e à visibilidade. O ser cede espaço ao parecer, e a experiência subjetiva passa a se organizar em torno da busca contínua por adequação aos modelos de identificação produzidos culturalmente. A internet, propaganda, rádio e televisão se resumem a espetáculos, mostrando um caráter exibicionista, utilizando situações do cotidiano como extraordinárias com foco em consumo e manipulação. Percebe-se que até os personagens são criados com a finalidade de identificação ou familiaridade. Esse tipo de identificação visa o lucro e visibilidade (Farias e Ferreira, 2020, p. 121).

O surgimento das mídias como mediadoras do desejo sofre fortes críticas de Debord na análise da sociedade do espetáculo, considerando “a verdade do espetáculo o descobre como negação visível da vida; como negação da vida que se tornou visível” (Debord, 1967/1997, p. 16).

## **O OLHAR LACANIANO SOBRE A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: Estádio do espelho, desejo do outro e o olhar na contemporaneidade**

A crítica formulada por Debord (1967/1997), ao evidenciar uma sociedade mediada por imagens e aparências, encontra forte ressonância nos conceitos lacanianos de estágio do espelho, desejo do Outro e olhar, permitindo ampliar a singularidade humana na contemporaneidade.

## **O estádio do espelho e a alienação pela imagem**

O conceito de estádio do espelho elaborado por Lacan (1949/1998), descreve um momento estruturante da constituição subjetiva em que a criança, ao reconhecer sua imagem refletida no espelho, identifica-se com uma forma aparentemente integrada de si mesma. Contudo, essa identificação possui um caráter paradoxal, pois o Eu se organiza inicialmente através de uma imagem externa, idealizada e alienante. O sujeito passa a reconhecer-se não a partir de sua experiência subjetiva interna, mas mediante uma representação imagética de completude.

Tal perspectiva pode ser ratificada na obra de Debord através da tese 1 em que o autor afirma:

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação (Debord, 1967/1997, p. 13).

Dessa forma, assim como no estádio do espelho na sociedade do espetáculo o sujeito organiza a sua identidade a partir da construção externa, a experiência interna passa a ter menos valia e a experiência subjetiva é substituída pelas representações que são eminentemente idealizadas. O sujeito da contemporaneidade por ser um sujeito influenciado pelas redes sociais, padrões culturais de performance e consumo, se constitui através da imagem idealizada de si mesmo.

Essa relação pode ser vista na tese 17 da obra de Debord:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual [...] leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer (Debord, 1967/1997, p.18).

Tal ideia permite inferir que a sociedade do espetáculo radicaliza o registro imaginário descrito por Lacan: o sujeito passa a se constituir não pelo ser mas pelo parecer, sustentando imagens idealizadas de si e extremamente voláteis.

## **O desejo do Outro: desejar aquilo que é socialmente desejado**

Outro ponto que a teoria Lacaniana se conecta com a obra Debordiana é o conceito do Outro e seu desejo. Segundo Lacan, o desejo humano não surge de forma única individual, mas sim é estruturado pelo campo simbólico do Outro. De acordo com Lacan “O desejo do homem é o desejo do Outro” proporciona compreender que o sujeito aprendem a desejar aquilo que a sociedade admite como desejável.

Traçando um paralelo, Debord oferece um importante debate ao discutir o papel da mercadoria e da produção de falsas necessidades na contemporaneidade. Na Tese 68, afirma:

“Sem dúvida, a pseudonecessidade imposta pelo consumo moderno não pode ser contrastada a nenhuma necessidade ou desejo autêntico que não seja, ele mesmo, produzido pela sociedade e sua história” (Debord, 1967/1997, p.45).

Na sociedade do espetáculo, o sujeito frequentemente não deseja a partir de sua singularidade, mas daquilo que lhe é apresentado como desejável: corpos perfeitos, produtividade extrema, felicidade permanente, consumo e reconhecimento social. Até os atravessamentos atuais como a medicalização excessiva e necessidade de anestesiarse origina-se desse olhar de supor o desejo do Outro.

A crítica de Debord também aparece na Tese 37, ao afirmar:

“O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido” (Debord, 1967/1997, p.28).

Dessa forma, o desejo contemporâneo torna-se capturado pela lógica atual mercadológica, sendo ratificado pela cultura do consumo, mídias e capitalismo. O sujeito passa a desejar aquilo que percebe no outro e aquilo que o Outro social legitima como ideal de realização.

### **O olhar lacaniano e a necessidade contemporânea de visibilidade**

Outro conceito central na fundamentação Lacaniana é o olhar (regard). O sujeito não só percebe mas também se constitui pelo o olhar do Outro. O olhar nesse contexto ultrapassa a visão biológica e configura-se como um operador psíquico que constitui a subjetividade, organiza o psiquismo e permite o sujeito desejar o reconhecimento do Outro. Essa noção dialoga intensamente com a crítica debordiana sobre a centralidade da aparência. Na Tese 12, Debord (1967/1997) afirma:

“O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’” (Debord, 1967/1997, p.16-17).

Na contemporaneidade a lógica é pautada no ser visto, em que existir passa pela dependência da validação do olhar do Outro. As redes sociais ocupam nesse cenário um papel central, transformam as experiências públicas em performar melhor. As curtidas, comentários e compartilhamentos passam a ocupar uma posição de destaque operando como formas simbólicas de reconhecimento e existência subjetiva. Essa lógica também é evidenciada na análise que Debord realiza sobre o tempo espetacular, especialmente na Tese 153:

“O tempo do consumo das imagens [...] é o campo inseparável em que se exercem plenamente os instrumentos do espetáculo” (Debord, 1967/1997, p.105-106).

Nesse cenário, o sujeito organiza sua experiência não apenas para viver, mas para ser visto vivendo, mesmo que não esteja em sofrimento. Parece torna-se na sociedade do espetáculo mais importante do que o ser e performar sustenta essa ideia. O olhar do Outro torna-se central na sustentação narcísica do Eu, promovendo novas formas de sofrimento psíquico relacionadas à insuficiência, comparação e dependência da validação externa.

Dessa forma, a articulação entre Lacan e Debord permite compreender que a sociedade do espetáculo intensifica os mecanismos de alienação subjetiva já descritos pela psicanálise. O sujeito contemporâneo é constantemente convocado a identificar-se com imagens ideais (estádio do espelho), desejar aquilo que a cultura define como valioso (desejo do Outro) e sustentar sua existência mediante reconhecimento constante (olhar). Em consequência, intensificam-se sentimentos de vazio, inadequação e mal-estar subjetivo, revelando novas formas de sofrimento psíquico na contemporaneidade.

## **AS NOVAS FORMAS DE CONSTRUÇÃO SUBJETIVA**

O surgimento de novas tecnologias permitiu o surgimento de novas possibilidades de subjetivação. A fragmentação da subjetividade ocupa um lugar central nesse contexto, é importante ressaltar que essa fragmentação fornece um terreno fértil para o surgimento de outras formas de subjetivação. E nesse campo o Eu se encontra em uma posição privilegiada. O autocentramento do sujeito ocupa uma posição paradoxal, ao mesmo tempo que aquele se volta para si também valoriza o exterior, dessa forma a subjetividade assume uma configuração estetizante (Birman, 2025). A

fragmentação do sujeito é ratificada na tese 23: “O espetáculo é a herança da filosofia, da dissolução da vida unitária em sujeito e objeto, que se opõem um ao outro (Debord, 1967/1997).”

Joel Birman (2025) ainda faz uma articulação entre a cultura do narcisismo e espetáculo com os processos de medicalização e psiquiatrização do social, pois o discurso psicopatológico assume um espaço biológico e psicofarmacológico, em que o incentivo é realizado pela indústria de consumo (p. 25).

A disseminação de novas tecnologias e a hiperconectividade promove uma cultura de não mal-estar. Isto significa que o adoecimento na modernidade é visto como fraqueza e na sociedade da alta performance o sujeito não pode estar doente, pois será excluído caso não esteja dentro do padrão da produtividade. Partindo dessa realidade, a indústria farmacêutica passou a produzir medicamentos com a finalidade de anestesiá-lo o possível mal-estar do sujeito de forma rápida e simples. Não à toa há uma disseminação medicamentosa de forma indiscriminada, sem a utilização de receitas, com facilidade alimentando a lógica do consumo (Lima, 2020, p.11). Conectando com a obra de Debord, o sujeito vale pelo que parece ser, a que Birman (2025) nomeia de evanescência brilhosa (p. 180). O Eu se transforma em uma majestade permanente, iluminado no palco social, vivendo a exigência infinita de alta performance em todas as ações daquele (Birman, 2025, p. 181). Nesse contexto, as formas contemporâneas de subjetivação passam a ser marcadas por exigências contínuas de desempenho, adaptação e realização pessoal, produzindo modos específicos de sofrimento psíquico. O sujeito encontra-se constantemente atravessado por ideais de produtividade, felicidade e adequação difundidos pela lógica espetacular, intensificando experiências de insuficiência, esgotamento e vazio subjetivo. O sofrimento tende, assim, a ser progressivamente individualizado e medicalizado, dificultando a elaboração psíquica do mal-estar e favorecendo formas de apagamento da experiência subjetiva. Tais configurações evidenciam que o sofrimento contemporâneo não se restringe à dimensão individual, mas se articula às próprias formas de organização social e aos modos de subjetivação produzidos pela cultura contemporânea.

Os destinos libidinais assumem formas marcadamente exibicionistas e autocentradas com um sujeito cada vez mais fragmentado, desinvestido das trocas sociais e esvaziado de si. Pode-se inferir que esse cenário propicia a multiplicação do sujeito considerado desbussolado, completamente perdido de sentido, sem o norte do que é benéfico ou maléfico. O desejo aparece como desejo do outro, mediado pela mídia e imagens construídas a partir da cultura industrial do consumo (Barbieri, 2007). A indústria cultural, portanto, surge quando a lógica cultural é absorvida pelo mercado, constituindo o valor de troca como a principal fonte de surgimento da cultura. Além da mídia e televisão, a indústria cultural possui outros aliados como o cinema, a música e a literatura. Esses meios criam necessidades, partindo da performance e exibicionismo da sociedade atual, até então

inexistentes para o seu público, gerando desejo de consumo (Lima, 2020). A indústria do consumo é atestado pelo capítulo VIII da obra de Debord (1967/1997), que confere na tese 193:

A cultura tida integralmente como mercadoria deve tomar-se também a mercadoria vedete da sociedade espetacular. Clark Kerr, um dos ideólogos mais avançados desta tendência, calculou que o complexo processo de produção, distribuição e consumo dos conhecimentos, açambarca anualmente 29% do produto nacional nos Estados Unidos; e prevê que a cultura deve desempenhar na segunda metade deste século o papel motor no desenvolvimento da economia, como o automóvel o foi na sua primeira metade e as ferrovias na segunda metade do século precedente (p. 126-127).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Sociedade do Espetáculo* nunca esteve tão atual, revelando como o capitalismo avançado e a cultura midiática transformaram a vida social e os relacionamentos humanos. Ao articular os conceitos de Debord com a psicanálise freudiana este artigo demonstrou como o espetáculo aprofunda a alienação subjetiva e gera novas formas de mal-estar e sofrimento psíquico. Através de conceitos fundamentais da teoria freudiana, como o mal-estar das civilizações, narcisismo e ideal do eu, foi possível compreender como o espetáculo também opera como um sintoma social que reorganiza a experiência subjetiva promovendo também novas formas de construção da identidade. A imagem toma o lugar da realidade, torna-se o novo mediador das relações humanas, gerando uma forma de subjetivação marcada pela desconexão com os próprios desejos e pela identificação com ideais externos considerados muitas vezes inatingíveis.

Freud, ao analisar o sofrimento humano em relação à cultura, já apontava que o processo civilizatório exige do sujeito uma renúncia pulsional e uma adaptação constante a normas impostas. Debord, por sua vez, mostra que essa adaptação se radicaliza na sociedade do espetáculo, onde não apenas as ações, mas também os afetos, desejos e percepções são moldados por uma lógica mercadológica. Debord apresenta ainda uma sociedade em que o “parecer” se sobrepõe ao “ser”, instaurando um regime de alienação simbólica e afetiva que se perpetua por meio de imagens, mercadorias, consumo e performances.

O mal-estar descrito por Freud ganha novas roupagens na sociedade do espetáculo: ele se expressa através do esvaziamento subjetivo, da medicalização da vida cotidiana e da fragmentação da identidade. A cultura narcísica atual, ao invés de promover autonomia ou liberdade, intensifica a dependência do olhar do outro e da validação externa. Nesse sentido, o espetáculo atua como operador de subjetivação, moldando indivíduos que performam o que desejam ser, mas raramente se encontram em sua própria verdade.

O presente estudo evidenciou que a crítica debordiana do espetáculo e os conceitos psicanalíticos convergem e se complementam ao oferecer uma chave de leitura potente para o entendimento do sujeito contemporâneo. Um sujeito que, cada vez mais, vive submetido à ilusão da liberdade e da realização plena, mas imerso em um mal-estar silencioso e persistente.

Esta reflexão buscou promover análise crítica sobre os processos de alienação do sujeito, as novas formas de subjetivação além do surgimento de novas formas de se relacionar típicas da era digital. As novas tecnologias abriram espaço para relações cada vez mais superficiais, pautadas na representação e criação de imagens, em que as aparências valem muito. Ser visto nesse novo contexto é sinônimo de existir, portanto, o outro ganha um papel de destaque. Esses mecanismos de projeção servem de alerta para o aumento de psicopatologias, como no caso de transtornos ansiosos e depressivos. A comparação com a vida idealizada postada, a hiperconectividade, as relações fluidas, além da solidão gerada pela mediação do uso de telas nas relações são alguns fatores que podem explicar o aumento dos casos desses transtornos de humor. As análises realizadas representam questões de saúde pública e que ultrapassam o âmbito individual tomando proporções em nível mundial, por isso a relevância desse estudo em questão.

## REFERÊNCIAS

Afonso, J. G. (2015). *O American way of life* na reconstrução da Europa no pós-guerra. *Revista Relações Internacionais no Mundo Atual*, 1(20), 218–252.

<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/1183/371373022>

Batista, C. F. (2013). *Do Eu-Ideal à singularidade* (Trabalho de conclusão de curso de graduação). Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Barbieri, C. P. (2007). Fronteiras da psicanálise. *Cógitto*, 8, 45-49.

Birman, J. (2025). *O mal-estar da atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo* (E. S. Abreu, Trad.). Contraponto. (Obra original publicada em 1967)

Farias, N., & Ferreira, B. M. (2020). O poder das mídias na sociedade do espetáculo: indústria cultural, comunicação de massa e consumo na modernidade. *EDUCAÇÃO E CULTURA EM DEBATE*, 6(2), 117-131. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000100011>

Flecha, R. D. (2025). Reflexões contemporâneas sobre o ensaio O mal-estar na civilização de Sigmund Freud. *Sapere Aude*, 16(31), 120–138. <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2025v16n31p120-138>

Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1914)

Freud, S. (2017). As pulsões e seus destinos. In S. Freud. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1, pp. 133-162, L. A. Hanns, Trad.). Imago. (Publicado originalmente em 1915)

Freud, S. (2010). *O ego e o id* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1923)

Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização* (P. C. de Souza, Trad.; Vol. 21). Companhia das Letras. (Original publicado em 1930)

Gaio Filla, M. (2023). Entre o desamparo e a perfeição: notas sobre o narcisismo primário e a formação de ideal em Freud. *Analytica: Revista De Psicanálise*, 11(21), 1–30. <https://doi.org/10.69751/arp.v11i21.4238>

Hasky, F. (2020). *A solidão e o laço com o outro em tempos de conectividade* (Doctoral dissertation, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

Jacques, P. B. (2003, abril). *Breve histórico da Internacional Situacionista – IS*. *Arquitextos*, 3(035.05). Vitruvius. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>

Jappe, A. (1999). *Guy Debord* (I. D. Poleti, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1993).

Lacan, J. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lewkovitch, A. D. P., & Grimbe, A. B. de F. R. (2018). A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e supereu. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 16(4), 1189–1198. <https://doi.org/10.12957/epp.2016.33444>

Lima, R. R. (2020). Medicalização da sociedade e suas relações com a indústria cultural. *Revista Educação, Psicologia E Interfaces*, 4(3). <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v4i3.298>

Mendes, E. R. P. (2023). Narcisismo na cultura: o ideal do eu. *Reverso*, 45(86), 83-92. <https://doi.org/10.5935/0102-7395.v45n86.09>

Mendonça, G. F. de, & Fortes, M. I. de A. (2025). Corpos entre telas e espelhos: a primazia do olhar e da imagem na cultura digital. *Analytica: Revista De Psicanálise*, 13(26). <https://doi.org/10.69751/arp.v13i26.5712>

Minayo, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

Moreira, J. D. O. (2005). A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano "O mal-estar na civilização". *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10, 287-294. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200016>

Oliveira, M. R. de, & Machado, J. S. de A. (2021). O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2663–2672. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08782021>

Pereira, M. A., & Souza, M. R. D. (2021). Narcisismo e Melancolia em Psicologia das Massas e Análise do Eu: aproximações. *Psicologia em Pesquisa*, 15(2), 1-20. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.29877>

Ribeiro, J. R., Villar, R. S., Stone, A. S., & Farias, C. P. (2023). Adolescência e mídias digitais: Alguns desdobramentos possíveis. *Analytica: Revista De Psicanálise*, 12(23). <https://doi.org/10.69751/arp.v12i23.4478>

Santos, D. C. M. (2024). O sujeito do espetáculo: lei e subjetividade na Era da Imagem. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 13(25). <https://doi.org/10.69751/arp.v13i25.5085>

Ullrich, A., & da Rocha, G. A. (2019). A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea. *Cadernos da FUCAMP*, 18(36). <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200016>